

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	9 e 10 de Agosto de 1992	PAG. 14
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Capital Cultural/Mário Margutti	

Documenta ilustrada

Realizada de 5 em 5 anos, a Documenta de Kassel, na Alemanha, é considerada o evento mais importante do mundo no campo das artes visuais. A atual mostra, a nona versão da Documenta, será o tema de uma palestra ilustrada do professor alemão Udo Liebelt, curador/pedagogo do Museu Sprengel, de Hannover, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A palestra será realizada dia 17, às 20h, com entrada franca (Rua Jardim Botânico, 414). Vale lembrar que, pela primeira vez na história da Documenta, 5 artistas brasileiros estão participando da mostra.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	9 e 10 de Agosto de 1992	PAG. 14
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Capital Cultural/Mário Margutti	

Documenta ilustrada

Realizada de 5 em 5 anos, a Documenta de Kassel, na Alemanha, é considerada o evento mais importante do mundo no campo das artes visuais. A atual mostra, a nona versão da Documenta, será o tema de uma palestra ilustrada do professor alemão Udo Liebelt, curador/pedagogo do Museu Sprengel, de Hannover, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A palestra será realizada dia 17, às 20h, com entrada franca (Rua Jardim Botânico, 414). Vale lembrar que, pela primeira vez na história da Documenta, 5 artistas brasileiros estão participando da mostra.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Comercio - RJ	
PARA	16 e 17 de Agosto de 1992	PAG. 12
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Capital Cultural/ Mario Margutti	

CIRCUITO CARIOCA

Documentada ilustrada

Amanhã, segunda, às 20h, o professor alemão Udo Liebelt, curador do Museu Sprengel de Hannover, fará na Escola de Artes Visuais do Parque Lage uma palestra ilustrada sobre a 9ª edição da Documenta de Kassel, considerada a mostra de arte contemporânea mais importante do mundo. Pela primeira vez na história dessa mostra sediada na Alemanha, participam quatro artistas brasileiros: Cildo Meireles, Jac Leirner, José Renske, Waltercio Caldas. O professor Liebelt vai destacar essa presença brasileira, na palestra que terá tradução simultânea e entrada franca. Desde 1987, ele é membro do Conselho Federal de Educação Artística e do International Council for Museums/Committee for Educational and Cultural Action. A EAV fica na Rua Jardim Botânico, 414.

Técnicas de expressão

Com boa e intensa programação para este mês, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage vai promover, do dia 18 ao dia 21, um seminário sobre Técnicas Tradicionais e Experimentais de Expressão nas Artes Plásticas. O seminário será coordenado por Sam Peters, artista norte-americano de Baltimore, Maryland, que fará palestras sobre técnicas como monoprint, serigrafia, litografia, reprografia, xilogravura e colagem. As palestras serão ilustradas com slides e haverá demonstração de uso de tintas não-tóxicas.

■ Conhecidos pintores como Aloisio Carvão e José Maria Marques da Cruz compartilham sua valiosa experiência com novos artistas que se aperfeiçoam no Parque Lage. José Maria desvenda os mistérios da cor. Informações pelos telefones: 226-1879 e 226-9624.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Comercio - RJ	
PARA	16 e 17 de Agosto de 1992	PAG. 12
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Capital Cultural/ Mario Margutti	

CIRCUITO CARIOCA

Documentada ilustrada

Amanhã, segunda, às 20h, o professor alemão Udo Liebelt, curador do Museu Sprengel de Hannover, fará na Escola de Artes Visuais do Parque Lage uma palestra ilustrada sobre a 9ª edição da Documenta de Kassel, considerada a mostra de arte contemporânea mais importante do mundo. Pela primeira vez na história dessa mostra sediada na Alemanha, participam quatro artistas brasileiros: Cildo Meireles, Jac Leirner, José Renske, Waltercio Caldas. O professor Liebelt vai destacar essa presença brasileira, na palestra que terá tradução simultânea e entrada franca. Desde 1987, ele é membro do Conselho Federal de Educação Artística e do International Council for Museums/Committee for Educational and Cultural Action. A EAV fica na Rua Jardim Botânico, 414.

Técnicas de expressão

Com boa e intensa programação para este mês, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage vai promover, do dia 18 ao dia 21, um seminário sobre Técnicas Tradicionais e Experimentais de Expressão nas Artes Plásticas. O seminário será coordenado por Sam Peters, artista norte-americano de Baltimore, Maryland, que fará palestras sobre técnicas como monoprint, serigrafia, litografia, reprografia, xilogravura e colagem. As palestras serão ilustradas com slides e haverá demonstração de uso de tintas não-tóxicas.

■ Conhecidos pintores como Aloisio Carvão e José Maria Marques da Cruz compartilham sua valiosa experiência com novos artistas que se aperfeiçoam no Parque Lage. José Maria desvenda os mistérios da cor. Informações pelos telefones: 226-1879 e 226-9624.

Speed Clipping

VEÍCULO	O Fluminense - RJ	
PARA	16 e 17 de Agosto de 1992	PAG. 4
SEÇÃO	Estado/De Fato	

O curador e pedagogo do Museu Sprengel, de Hannover, Udo Liebelt, faz palestra amanhã, às 20 horas, na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, Jardim Botânico. O tema é **Documento IX**, a entrada é franca e haverá tradução simultânea.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	2 de Outubro de 1992	PAG. 36
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

Eleição não pára debate na EAV

Mesmo sendo amanhã dia de eleições para prefeito e vereadores, a Escola e Artes Visuais do Parque Lage marcou para as 16 horas, em sua sede, na Rua Jardim Botânico, 414, o depoimento do artista plástico Waltércio Caldas sobre a Documenta 9, mostra que fica até este mês em Kassel, na Alemanha, dentro do Projeto Visorama.

Até o dia 31 deste mês, haverá palestras às terças, quintas e sábados,

com a taxa de Cr\$ 10 mil em cada uma delas. Na terça-feira será a vez de Cristina Pape apresentar um panorama da Documenta, com comentários e mostra de 320 slides feitos em sua visita à Kassel.

Dos debates participam os artistas Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meireles e José Resende, que comentam seus projetos apresentados na Documenta 9, além do curador geral da mostra, Jan Hoet.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	2 de Outubro de 1992	PAG. 36
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

Eleição não pára debate na EAV

Mesmo sendo amanhã dia de eleições para prefeito e vereadores, a Escola e Artes Visuais do Parque Lage marcou para as 16 horas, em sua sede, na Rua Jardim Botânico, 414, o depoimento do artista plástico Waltércio Caldas sobre a Documenta 9, mostra que fica até este mês em Kassel, na Alemanha, dentro do Projeto Visorama.

Até o dia 31 deste mês, haverá palestras às terças, quintas e sábados,

com a taxa de Cr\$ 10 mil em cada uma delas. Na terça-feira será a vez de Cristina Pape apresentar um panorama da Documenta, com comentários e mostra de 320 slides feitos em sua visita à Kassel.

Dos debates participam os artistas Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meireles e José Resende, que comentam seus projetos apresentados na Documenta 9, além do curador geral da mostra, Jan Hoet.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Brasil - RJ	
PARA	29 de Outubro de 1992	PAG. 3-B
SEÇÃO		

Diretor da Documenta no MAM

Um dos diretores artísticos da IX Documenta de Kassel, Joe Hoet, vai participar de dois debates com artistas brasileiros. O primeiro acontece hoje no MAM, às 18h30. O segundo vai ser na Escola de Artes Visuais do Parque Lage dia 31, às 18h. Os debates serão precedidos de duas palestras. No MAM, Hoet vai discutir as tendências da arte contemporânea,

com o título *À procura de uma arte global?* No Parque Lage, ele tem um tema bem mais específico e polêmico: a presença dos artistas brasileiros José Rezende, Cildo Meirelles, Jac Leirner e Waltércio Caldas na Documenta de Kassel, aberta em junho passado na cidadezinha alemã. Foi a primeira participação de artistas brasileiros no evento.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Brasil - RJ	
PARA	29 de Outubro de 1992	PAG. 3-B
SEÇÃO		

Diretor da Documenta no MAM

Um dos diretores artísticos da IX Documenta de Kassel, Joe Hoet, vai participar de dois debates com artistas brasileiros. O primeiro acontece hoje no MAM, às 18h30. O segundo vai ser na Escola de Artes Visuais do Parque Lage dia 31, às 18h. Os debates serão precedidos de duas palestras. No MAM, Hoet vai discutir as tendências da arte contemporânea,

com o título *À procura de uma arte global?* No Parque Lage, ele tem um tema bem mais específico e polêmico: a presença dos artistas brasileiros José Rezende, Cildo Meirelles, Jac Leirner e Waltércio Caldas na Documenta de Kassel, aberta em junho passado na cidadezinha alemã. Foi a primeira participação de artistas brasileiros no evento.

VEÍCULO	Jornal do Brasil - RJ	
PARA	30 de Outubro de 1992	PAG. 5-B
SEÇÃO		

Maria José Lessa



Jan Hoet, diretor da 9ª Documenta, conta que os brasileiros tiveram a maior repercussão entre os latino-americanos

Ecos da Documenta

Jan Hoet elogia brasileiros que foram a Kassel

MARÍLIA MARTINS

O belga Jan Hoet, diretor artístico da 9ª Documenta de Kassel, realizada de junho a setembro deste ano na Alemanha, está no Rio. Ontem, no Museu de Arte Moderna, ele apresentou a palestra *À procura de uma arte global?*, em que discutiu a dialética entre as tendências regionais e o projeto de internacionalização dos movimentos artísticos. No sábado, às 18h, ele estará no Parque Lage, para debater o assunto mais polêmico de sua agenda: a presença dos artistas latino-americanos na Documenta. Foi a primeira vez que brasileiros participaram do evento — Kassel é a mais importante exposição de arte de vanguarda do mundo. Os quatro artistas selecionados — os cariocas Cildo Meirelles e Walmécio Caldas e os paulistas José Resende e Jac Leirner — passaram pelo crivo de uma comissão internacional, cujos critérios foram intensamente discutidos. Na entrevista abaixo, Hoet faz um balanço altamente positivo da participação dos brasileiros e já anuncia a busca de um novo nome para ocupar seu cargo, na próxima edição da mostra.

— Como foi a participação dos brasileiros na Documenta?

— Foi excelente. Os brasileiros tiveram uma repercussão enorme, com um amplo reconhecimento da qualidade dos trabalhos pela crítica especializada. Receberam tratamento de primeiro time, não foram deixados de lado ou relegados a um lugar menor no conjunto dos participantes. Os quatro estão de parabéns. São artistas de forte personalidade, com uma sensibilidade especial e um trabalho de pesquisa estética instigante.

— Que repercussão tiveram no conjunto dos artistas latino-americanos?

— Os brasileiros foram os que tiveram maior repercussão entre os latino-americanos. Argentinos e mexicanos foram muito bem, apresentaram trabalhos de qualidade, mas não fugiram às expectativas que os europeus tinham. Com os brasileiros aconteceu o contrário. Os europeus esperavam encontrar uma arte tropical, um tanto folclórica, e viram trabalhos que quebravam inteiramente essa expectativa.

— Houve muitas críticas quanto à seleção dos brasileiros que foram chamados para a Documenta. Muitos disseram que, em vez de formar um painel representativo das várias correntes de arte brasileira, a comissão tomou partido e escolheu quatro nomes que correspondiam aos desejos de

uma certa vanguarda europeia...

— Pode ser. Reconheço que pode ter havido parcialidade. O problema é que a comissão teve pouco tempo para se informar a respeito do panorama artístico em cada um dos países que visitou. Fizemos o melhor, o máximo dentro das condições em que trabalhamos. Se houve insatisfeitos, isto estava dentro do previsível. A Documenta de Kassel é mesmo uma exposição controversa e propositadamente polêmica.

— A imagem da arte brasileira mudou depois desta mostra?

— Acho que sim. Mas a repercussão da Documenta costuma ser lenta e duradoura. Precisamos de tempo para verificar o quanto a arte brasileira se transformou aos olhos dos europeus.

— Houve também brasileiros que participaram de mostras paralelas à Documenta, como Marcos Coelho Benjamin. O senhor viu as exposições paralelas? Como o senhor avalia a repercussão desses eventos?

— Os eventos paralelos eram de boa qualidade, mas muito desorganizados. Gostei bastante do trabalho de Marcos Coelho Benjamin.

— Já há algum plano para a próxima Documenta?

— Ainda é muito cedo. Mas já estamos procurando um nome para ser o diretor artístico da próxima exposição. A idéia é

que cada edição seja radicalmente diferente da outra.

— Há alguma chance de se escolher um nome latino-americano?

— Não. Francamente, não. Para esta escolha há critérios econômicos e sociológicos que pesam muito. Há uma espécie de avaliação da situação econômica e cultural dos países concorrentes. Ou seja, a América Latina atualmente não tem chance.

— O senhor identifica hoje alguma tendência mundial na arte contemporânea?

— O desenvolvimento artístico não se faz de modo linear e sim dialético. Há uma dialética entre o particular e o universal — entre as tendências regionais e as internacionalizantes. Se tivéssemos que descrever pontos em comum entre os movimentos artísticos contemporâneos, eu diria que há forte resistência às instituições, que há uma contradição entre a liberdade da criação artística e o sistema. Assim como há uma dialética entre a proposta artística e sua concretização. Acho que as interpretações críticas da arte se pautam cada vez mais por parâmetros sociológicos e históricos. Isto, porque ao artista cabe hoje o desafio de enfrentar problemas como o desrespeito à natureza e aos direitos humanos. Não lhe cabe dar a solução para os problemas, e sim fazer um comentário crítico capaz de alertar, de aumentar a conscientização do público para esses problemas.

VEÍCULO	Jornal do Brasil - RJ	
PARA	30 de Outubro de 1992	PAG. 5-B
SEÇÃO		

Maria José Lessa



Jan Hoet, diretor da 9ª Documenta, conta que os brasileiros tiveram a maior repercussão entre os latino-americanos

Ecos da Documenta

Jan Hoet elogia brasileiros que foram a Kassel

MARÍLIA MARTINS

O belga Jan Hoet, diretor artístico da 9ª Documenta de Kassel, realizada de junho a setembro deste ano na Alemanha, está no Rio. Ontem, no Museu de Arte Moderna, ele apresentou a palestra *À procura de uma arte global?*, em que discutiu a dialética entre as tendências regionais e o projeto de internacionalização dos movimentos artísticos. No sábado, às 18h, ele estará no Parque Lage, para debater o assunto mais polêmico de sua agenda: a presença dos artistas latino-americanos na Documenta. Foi a primeira vez que brasileiros participaram do evento — Kassel é a mais importante exposição de arte de vanguarda do mundo. Os quatro artistas selecionados — os cariocas Cildo Meirelles e Walmécio Caldas e os paulistas José Resende e Jac Leirner — passaram pelo crivo de uma comissão internacional, cujos critérios foram intensamente discutidos. Na entrevista abaixo, Hoet faz um balanço altamente positivo da participação dos brasileiros e já anuncia a busca de um novo nome para ocupar seu cargo, na próxima edição da mostra.

— Como foi a participação dos brasileiros na Documenta?

— Foi excelente. Os brasileiros tiveram uma repercussão enorme, com um amplo reconhecimento da qualidade dos trabalhos pela crítica especializada. Receberam tratamento de primeiro time, não foram deixados de lado ou relegados a um lugar menor no conjunto dos participantes. Os quatro estão de parabéns. São artistas de forte personalidade, com uma sensibilidade especial e um trabalho de pesquisa estética instigante.

— Que repercussão tiveram no conjunto dos artistas latino-americanos?

— Os brasileiros foram os que tiveram maior repercussão entre os latino-americanos. Argentinos e mexicanos foram muito bem, apresentaram trabalhos de qualidade, mas não fugiram às expectativas que os europeus tinham. Com os brasileiros aconteceu o contrário. Os europeus esperavam encontrar uma arte tropical, um tanto folclórica, e viram trabalhos que quebravam inteiramente essa expectativa.

— Houve muitas críticas quanto à seleção dos brasileiros que foram chamados para a Documenta. Muitos disseram que, em vez de formar um painel representativo das várias correntes de arte brasileira, a comissão tomou partido e escolheu quatro nomes que correspondiam aos desejos de

uma certa vanguarda europeia...

— Pode ser. Reconheço que pode ter havido parcialidade. O problema é que a comissão teve pouco tempo para se informar a respeito do panorama artístico em cada um dos países que visitou. Fizemos o melhor, o máximo dentro das condições em que trabalhamos. Se houve insatisfeitos, isto estava dentro do previsível. A Documenta de Kassel é mesmo uma exposição controversa e propositadamente polêmica.

— A imagem da arte brasileira mudou depois desta mostra?

— Acho que sim. Mas a repercussão da Documenta costuma ser lenta e duradoura. Precisamos de tempo para verificar o quanto a arte brasileira se transformou aos olhos dos europeus.

— Houve também brasileiros que participaram de mostras paralelas à Documenta, como Marcos Coelho Benjamin. O senhor viu as exposições paralelas? Como o senhor avalia a repercussão desses eventos?

— Os eventos paralelos eram de boa qualidade, mas muito desorganizados. Gostei bastante do trabalho de Marcos Coelho Benjamin.

— Já há algum plano para a próxima Documenta?

— Ainda é muito cedo. Mas já estamos procurando um nome para ser o diretor artístico da próxima exposição. A idéia é

que cada edição seja radicalmente diferente da outra.

— Há alguma chance de se escolher um nome latino-americano?

— Não. Francamente, não. Para esta escolha há critérios econômicos e sociológicos que pesam muito. Há uma espécie de avaliação da situação econômica e cultural dos países concorrentes. Ou seja, a América Latina atualmente não tem chance.

— O senhor identifica hoje alguma tendência mundial na arte contemporânea?

— O desenvolvimento artístico não se faz de modo linear e sim dialético. Há uma dialética entre o particular e o universal — entre as tendências regionais e as internacionalizantes. Se tivéssemos que descrever pontos em comum entre os movimentos artísticos contemporâneos, eu diria que há forte resistência às instituições, que há uma contradição entre a liberdade da criação artística e o sistema. Assim como há uma dialética entre a proposta artística e sua concretização. Acho que as interpretações críticas da arte se pautam cada vez mais por parâmetros sociológicos e históricos. Isto, porque ao artista cabe hoje o desafio de enfrentar problemas como o desrespeito à natureza e aos direitos humanos. Não lhe cabe dar a solução para os problemas, e sim fazer um comentário crítico capaz de alertar, de aumentar a conscientização do público para esses problemas.

VEÍCULO	O Povo Na Rua - RJ	
PARA	6 de Outubro de 1992	PAG. 6
SEÇÃO	Caderno Dois	



ARTES PLÁSTICAS

IVAN BELLA

Até dia 31 deste mês, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage estará abrigando um seminário do Grupo Visorama sobre a última Documenta de Kassel, que pela primeira vez reuniu um grupo de artistas brasileiros, e que promete trazer o próprio curador da mostra alemã, considerada uma das maiores exposições de vanguarda artística mundial — Jan Hoet. Durante o seminário, estarão presentes os artistas brasileiros que foram a Kassel este ano — Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meirelles e José Resende, que farão palestras.

VEÍCULO	O Povo Na Rua - RJ	
PARA	6 de Outubro de 1992	PAG. 6
SEÇÃO	Caderno Dois	



ARTES PLÁSTICAS

IVAN BELLA

Até dia 31 deste mês, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage estará abrigando um seminário do Grupo Visorama sobre a última Documenta de Kassel, que pela primeira vez reuniu um grupo de artistas brasileiros, e que promete trazer o próprio curador da mostra alemã, considerada uma das maiores exposições de vanguarda artística mundial — Jan Hoet. Durante o seminário, estarão presentes os artistas brasileiros que foram a Kassel este ano — Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meirelles e José Resende, que farão palestras.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	7 de Maio de 1992	PAG. 40
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

Escola de Artes Visuais do Parque Lage vai promover o Ciclo Visorama, com debates às terças-feiras, às 19h30min, sobre questões atuais da arte contemporânea brasileira e internacional, vista como prática de intervenção no campo da cultura.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	7 de Maio de 1992	PAG. 40
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

Escola de Artes Visuais do Parque Lage vai promover o Ciclo Visorama, com debates às terças-feiras, às 19h30min, sobre questões atuais da arte contemporânea brasileira e internacional, vista como prática de intervenção no campo da cultura.

Speed Clipping

VEÍCULO	Tribuna da Imprensa - RJ	
PARA	6 de Outubro de 1992	PAG. 3-Bis
SEÇÃO	Ivan Cardoso/No Ar	

O Grupo Visorama está promovendo um longo seminário onde pretende fazer uma avaliação de 9º Documenta de Kassel, com destaque especial para a participação dos artistas brasileiros. Logo mais, no Parque Laje, Cristina Pape irá comentar alguns slides do evento e, na quinta, é a vez da badalada Jac Leiner comentar a sua experiência na mostra. Sempre às 19h30.

Speed Clipping

VEÍCULO	Tribuna da Imprensa - RJ	
PARA	6 de Outubro de 1992	PAG. 3-Bis
SEÇÃO	Ivan Cardoso/No Ar	

O Grupo Visorama está promovendo um longo seminário onde pretende fazer uma avaliação de 9º Documenta de Kassel, com destaque especial para a participação dos artistas brasileiros. Logo mais, no Parque Laje, Cristina Pape irá comentar alguns slides do evento e, na quinta, é a vez da badalada Jac Leiner comentar a sua experiência na mostra. Sempre às 19h30.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	7 de Outubro de 1992	PAG. 36
SEÇÃO	Capital Cultural/Antonio José Libóreo	

■ Amanhã, às 19h30min, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na Rua Jardim Botânico, 414, palestra sobre a Trajetória Artística e a Obra de Jac Leirner em sua visita à Documenta 9, em Kassel, na Alemanha, com a apresentação de slides e vídeos.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	7 de Outubro de 1992	PAG. 36
SEÇÃO	Capital Cultural/Antonio José Libóreo	

■ Amanhã, às 19h30min, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, na Rua Jardim Botânico, 414, palestra sobre a Trajetória Artística e a Obra de Jac Leirner em sua visita à Documenta 9, em Kassel, na Alemanha, com a apresentação de slides e vídeos.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	11 de Outubro de 1992	PAG. 10
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Arte e Mercado/Alfredo Souto de Almeida	

Documenta na EAV

Inteligente e oportuna a proposta do grupo Visorama. Aproveitar a oportunidade da realização recente da "Documenta", de Kassel — um dos pontos de atração da arte contemporânea internacional — repensá-la e discuti-la, com artistas brasileiros que lá expuseram, a convite. Waltercio Caldas, Jac Leirner, José Rezende e Cildo Meirelles participarão com os artistas do grupo, em sua maioria integrantes da famosa geração 80, de um rico programa de depoimentos, debates e projeções até o dia 30 de outubro, na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage.

O encerramento do ciclo será com o todo-poderoso curador geral da "Documenta", o belga Jan Hoet. Ele vai abordar, em palestra, a produção latino-americana em Kassel. Pelo assunto e pelo que ele, curador, representa no ambicionado circuito internacional, é garantia de ibope alto e casa cheia a programação do grupo Visorama. Os ingressos podem ser obtidos no Parque Lage. Fone: 226.1879

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	11 de Outubro de 1992	PAG. 10
SEÇÃO	Caderno de Leilões/Arte e Mercado/Alfredo Souto de Almeida	

Documenta na EAV

Inteligente e oportuna a proposta do grupo Visorama. Aproveitar a oportunidade da realização recente da "Documenta", de Kassel — um dos pontos de atração da arte contemporânea internacional — repensá-la e discuti-la, com artistas brasileiros que lá expuseram, a convite. Waltercio Caldas, Jac Leirner, José Rezende e Cildo Meirelles participarão com os artistas do grupo, em sua maioria integrantes da famosa geração 80, de um rico programa de depoimentos, debates e projeções até o dia 30 de outubro, na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage.

O encerramento do ciclo será com o todo-poderoso curador geral da "Documenta", o belga Jan Hoet. Ele vai abordar, em palestra, a produção latino-americana em Kassel. Pelo assunto e pelo que ele, curador, representa no ambicionado circuito internacional, é garantia de ibope alto e casa cheia a programação do grupo Visorama. Os ingressos podem ser obtidos no Parque Lage. Fone: 226.1879

JORNAL DO BRASIL

PROGRAMA

EXPOSIÇÕES

DESENHO E GRAVURA

Maria Leonor Décourt — Gravuras. *Galeria Macunaima*, Rua México, esquina com Araújo Porto Alegre. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 22.

Luiz Aquila — Desenhos e gravuras. *Escola de Artes Visuais*, Rua Jardim Botânico, 414. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h. Sáb. e dom., das 10h às 17h. Até dia 25.

Joseph Beuys — Desenhos, objetos e gravuras. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 25.

Columbus — **A procura de um novo amanhã** — Coletiva de gravuras. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 25.

Pier Paolo Pasolini: diretor de uma vida — Desenhos, fac-símiles e fotografias do cineasta. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1ª de Março, 66. De 3ª a dom., das 10h às 22h. Até domingo.

Impeachment — Colagens de Gilberto Trancoso. *Razão Social*, Rua Visconde de Pirajá, 580/subsolo. De 2ª a sáb., das 10h às 19h. Até dia 9.

ESCULTURAS E OBJETOS

Das arqueologias — Esculturas de João Carlos Goldberg. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 18.

Ana Lúcia Sigaud e Marilou Winograd — Objetos. *Museu do Telephone*, Rua Dois de Dezembro, 63. De 3ª a dom., das 9h às 19h. Até domingo.

Portugal: tradição e modernidade — Cerâmicas, vidros e cristais portugueses. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. De 3ª a 6ª, das 10h às 17h30. Sáb. e dom., das 14h30 às 17h30. Até dia 13.

Origami: a arte de dobrar papéis — Coletiva com obras de artistas do Rio, São Paulo e Brasília. *Galerias do IBAC*, Rua Araújo Porto Alegre, 80. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 22.

Três artistas ligados ao metal — Jóias de Bel Gasparian, pinturas de Luciana Rennó e objetos de decoração de Roberto Ungerer. *Romildo Silva Filho Arquitetura e Design*, Av. Ataulfo de Paiva, 135/204. De 2ª a 6ª, das 9h às 19h. Sáb., das 9h às 13h. Até dia 8.

Kátia de Marco — Tapetes artesanais em rami. *Centro Cultural Paschoal Carlos Magno*, Campo de São Bento — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Sáb., das 10h30 às 16h30. Dom., das 10h às 14h. Até dia 11.

FOTOGRAFIA

A vertigem das imagens — Fotografias de Isabelia Cabral. *Cine Arte UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 11.

A experiência brasileira em Kassel

Os artistas do grupo Visorama promovem um passeiozinho pela mais expressiva mostra de arte contemporânea do mundo, em cartaz até o final deste mês, em Kassel, na Alemanha. Vídeos, slides e debates sobre a Documenta 9 estão nas salas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage até o fim de outubro. Neste sábado, às 16h, a atração é Waltércio Caldas, que participou da mostra com a instalação *Espaço para o próximo instante*: "Será um depoimento sobre a experiência da Documenta como fato cultural, e uma noção do desenvolvimento do meu processo de trabalho ilustrado com slides", adianta o artista. Depois dele, Jac Leirner, Cildo Meirelles e José Resende comentam suas participações em Kassel. Sempre às terças, quintas e sábados. No encerramento, dia 31, o curador da mostra Jan Hoet fala, com entrada franca, sobre a produção latino-americana na Documenta 9.

□ *Visorama na Documenta* — Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rua Jardim Botânico, 414 (226-1879 e 226-9624). Preço por palestra: Cr\$ 10.000. Pacote com as 13 palestras: Cr\$ 100.000. Sáb., 3/10: depoimento Waltércio Caldas, às 16h. 3ª, 6/10: Cristina Pape comenta slides da mostra, às 19h30. 5ª, 8/10: A obra de Jac Leirner na Documenta (slides e vídeos), às 19h30.

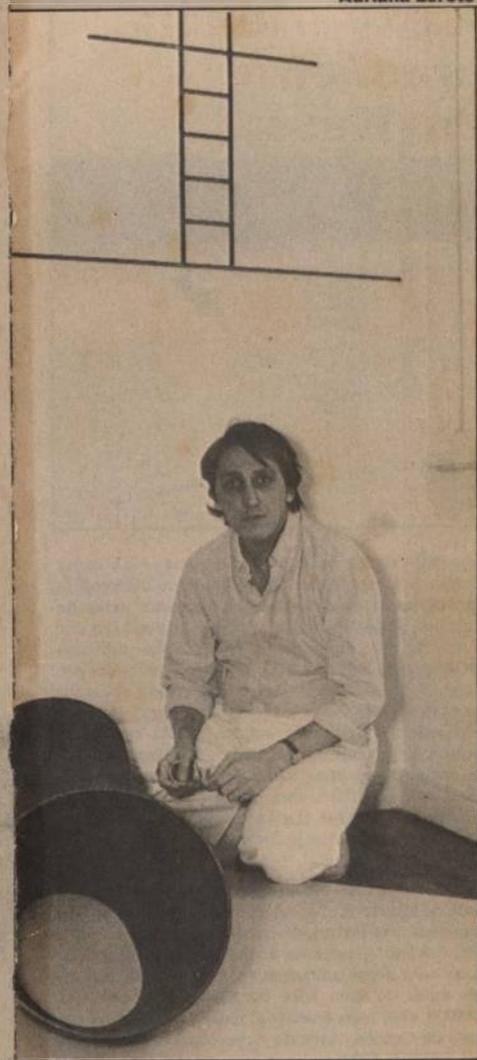
Gorki Kern — Eletrografias. *Centro Cultural Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63. De 2ª a 6ª, das 15h às 21h. Sáb., das 16h às 20h. Até dia 13.

Imprimindo a fama — Fotografias de Leonardo Aversa. *Livraria Bookmakers*, Rua Marquês de São Vicente, 7. De 2ª a sáb., das 9h às 22h. Até dia 17.

Identidade — do analógico ao digital — Fotografias. *Galeria de Arte UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. De 2ª a 6ª, das 14h às 20h. Último dia.

Nossas florestas: nossa herança — Fotos e textos em promoção conjunta com o Smithsonian Institute e Museu Goeldi. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. De 3ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 11.

Adriana Lorete



Waltércio Caldas fala no Parque Lage

ARQUITETURA

Em torno da arquitetura de Wilson Reis Netto — Projetos. *Gabinete de Arquitetura do espaço Cultural Sérgio Porto*, Rua Humaitá, 163. De 3ª a dom., das 14h às 19h. Até dia 11.

Casa da Flor — Uma arquitetura de sonhos — Textos e fotos de Amélia Zaluar. *Capela Eclética da UERJ*, Rua São Francisco Xavier, 524. De 2ª a 6ª, das 9h às 21h. Até dia 16.

Burle Marx — Projeto do Aterro de Copacabana. *Galeria do IBEU*, Av. Copacabana, 690/2º andar. De 2ª a 6ª, das 11h às 20h. Último dia.

JORNAL DO BRASIL

PROGRAMA

EXPOSIÇÕES

DESENHO E GRAVURA

Maria Leonor Décourt — Gravuras. *Galeria Macunaima*, Rua México, esquina com Araújo Porto Alegre. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 22.

Luiz Aquila — Desenhos e gravuras. *Escola de Artes Visuais*, Rua Jardim Botânico, 414. De 2ª a 6ª, das 10h às 19h. Sáb. e dom., das 10h às 17h. Até dia 25.

Joseph Beuys — Desenhos, objetos e gravuras. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 25.

Columbus — **A procura de um novo amanhã** — Coletiva de gravuras. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 25.

Pier Paolo Pasolini: diretor de uma vida — Desenhos, fac-símiles e fotografias do cineasta. *Centro Cultural Banco do Brasil*, Rua 1ª de Março, 66. De 3ª a dom., das 10h às 22h. Até domingo.

Impeachment — Colagens de Gilberto Trancoso. *Razão Social*, Rua Visconde de Pirajá, 580/subsolo. De 2ª a sáb., das 10h às 19h. Até dia 9.

ESCULTURAS E OBJETOS

Das arqueologias — Esculturas de João Carlos Goldberg. *Museu de Arte Moderna*, Av. Infante D. Henrique, 85. De 3ª a dom., das 12h às 18h. 5ª feira, das 12h às 21h. Até dia 18.

Ana Lúcia Sigaud e Marilou Winograd — Objetos. *Museu do Telephone*, Rua Dois de Dezembro, 63. De 3ª a dom., das 9h às 19h. Até domingo.

Portugal: tradição e modernidade — Cerâmicas, vidros e cristais portugueses. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. De 3ª a 6ª, das 10h às 17h30. Sáb. e dom., das 14h30 às 17h30. Até dia 13.

Origami: a arte de dobrar papéis — Coletiva com obras de artistas do Rio, São Paulo e Brasília. *Galerias do IBAC*, Rua Araújo Porto Alegre, 80. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 22.

Três artistas ligados ao metal — Jóias de Bel Gasparian, pinturas de Luciana Rennó e objetos de decoração de Roberto Ungerer. *Romildo Silva Filho Arquitetura e Design*, Av. Ataulfo de Paiva, 135/204. De 2ª a 6ª, das 9h às 19h. Sáb., das 9h às 13h. Até dia 8.

Kátia de Marco — Tapetes artesanais em rami. *Centro Cultural Paschoal Carlos Magno*, Campo de São Bento — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Sáb., das 10h30 às 16h30. Dom., das 10h às 14h. Até dia 11.

FOTOGRAFIA

A vertigem das imagens — Fotografias de Isabelia Cabral. *Cine Arte UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 11.

A experiência brasileira em Kassel

Os artistas do grupo Visorama promovem um passeiozinho pela mais expressiva mostra de arte contemporânea do mundo, em cartaz até o final deste mês, em Kassel, na Alemanha. Vídeos, slides e debates sobre a Documenta 9 estão nas salas da Escola de Artes Visuais do Parque Lage até o fim de outubro. Neste sábado, às 16h, a atração é Waltércio Caldas, que participou da mostra com a instalação *Espaço para o próximo instante*: "Será um depoimento sobre a experiência da Documenta como fato cultural, e uma noção do desenvolvimento do meu processo de trabalho ilustrado com slides", adianta o artista. Depois dele, Jac Leirner, Cildo Meirelles e José Resende comentam suas participações em Kassel. Sempre às terças, quintas e sábados. No encerramento, dia 31, o curador da mostra Jan Hoet fala, com entrada franca, sobre a produção latino-americana na Documenta 9.

□ *Visorama na Documenta* — Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rua Jardim Botânico, 414 (226-1879 e 226-9624). Preço por palestra: Cr\$ 10.000. Pacote com as 13 palestras: Cr\$ 100.000. Sáb., 3/10: depoimento Waltércio Caldas, às 16h. 3ª, 6/10: Cristina Pape comenta slides da mostra, às 19h30. 5ª, 8/10: A obra de Jac Leirner na Documenta (slides e vídeos), às 19h30.

Gorki Kern — Eletrografias. *Centro Cultural Cândido Mendes*, Rua Joana Angélica, 63. De 2ª a 6ª, das 15h às 21h. Sáb., das 16h às 20h. Até dia 13.

Imprimindo a fama — Fotografias de Leonardo Aversa. *Livraria Bookmakers*, Rua Marquês de São Vicente, 7. De 2ª a sáb., das 9h às 22h. Até dia 17.

Identidade — do analógico ao digital — Fotografias. *Galeria de Arte UFF*, Rua Miguel de Frias, 9 — Niterói. De 2ª a 6ª, das 14h às 20h. Último dia.

Nossas florestas: nossa herança — Fotos e textos em promoção conjunta com o Smithsonian Institute e Museu Goeldi. *Museu Histórico Nacional*, Praça Marechal Âncora, s/nº. De 3ª a 6ª, das 10h às 18h. Até dia 11.

Adriana Lorete



Waltércio Caldas fala no Parque Lage

ARQUITETURA

Em torno da arquitetura de Wilson Reis Netto — Projetos. *Gabinete de Arquitetura do espaço Cultural Sérgio Porto*, Rua Humaitá, 163. De 3ª a dom., das 14h às 19h. Até dia 11.

Casa da Flor — Uma arquitetura de sonhos — Textos e fotos de Amélia Zaluar. *Capela Euménica da UERJ*, Rua São Francisco Xavier, 524. De 2ª a 6ª, das 9h às 21h. Até dia 16.

Burle Marx — Projeto do Aterro de Copacabana. *Galeria do IBEU*, Av. Copacabana, 690/2º andar. De 2ª a 6ª, das 11h às 20h. Último dia.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	30 de Setembro de 1992	PAG. 40
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

ARTE SELECIONADA

JOÃO CARLOS GOLDBERG — esculturas que evocam a “arqueologia” do fazer artístico. Na Galeria Anna Maria Niemeyer (Loja 205 do Shopping da Gávea). Último dia.

BURLE MARX — exposição do projeto de paisagismo do Aterro de Copacabana. Na Galeria do IBEU (Av. Copacabana, 690/2º andar). Até sexta.

JORGE GUINLE — pinturas expressionistas de mulheres. No Espaço Catete (Rua do Catete, 143). Até domingo.

LUIZ ÁQUILA — desenhos e gravuras que são “anotações de viagem” elaboradas em países europeus, algumas com forte conotação política. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rua Jardim Botânico, 414). Até dia 25.

GORKI KERN — eletrografias de

manequins, obtidas em equipamentos de última geração. No Centro Cultural Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63). Até domingo.

MARIA CRISTINA FALCÃO E HILDA MARIA DE FARIA GÓES — móveis em vime e alumínio. Na Galeria Cláudio Bernardes (Rua Gal. Dionísio, 63). Último dia.

SEVERIANO MÁRIO PORTO — projetos de arquitetura tropical, integrados à natureza. No Instituto dos Arquitetos do Brasil (Rua do Pinheiro, 10 — Flamengo). Último dia.

LUCIANA RENNÓ — pinturas elaboradas com pigmentos naturais, minérios, tintas metálicas e purpúras, que criam um novo solo planetário. Na Romildo Silva Filho Arquitetura e Design (Av. Ataulfo de Paiva, 135 — Loja 204). Até dia 8 de outubro.

■ A participação dos artistas brasileiros na Documenta de Kassell está sendo debatida pelo projeto Visorama da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dia 1º, às 19h30min, será enfocada a trajetória e participação de Waltércio Caldas. O evento prossegue até 31 de outubro.

Speed Clipping

VEÍCULO	Jornal do Commercio - RJ	
PARA	30 de Setembro de 1992	PAG. 40
SEÇÃO	Capital Cultural/Mário Margutti	

ARTE SELECIONADA

JOÃO CARLOS GOLDBERG — esculturas que evocam a “arqueologia” do fazer artístico. Na Galeria Anna Maria Niemeyer (Loja 205 do Shopping da Gávea). Último dia.

BURLE MARX — exposição do projeto de paisagismo do Aterro de Copacabana. Na Galeria do IBEU (Av. Copacabana, 690/2º andar). Até sexta.

JORGE GUINLE — pinturas expressionistas de mulheres. No Espaço Catete (Rua do Catete, 143). Até domingo.

LUIZ ÁQUILA — desenhos e gravuras que são “anotações de viagem” elaboradas em países europeus, algumas com forte conotação política. Na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (Rua Jardim Botânico, 414). Até dia 25.

GORKI KERN — eletrografias de

manequins, obtidas em equipamentos de última geração. No Centro Cultural Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63). Até domingo.

MARIA CRISTINA FALCÃO E HILDA MARIA DE FARIA GÓES — móveis em vime e alumínio. Na Galeria Cláudio Bernardes (Rua Gal. Dionísio, 63). Último dia.

SEVERIANO MÁRIO PORTO — projetos de arquitetura tropical, integrados à natureza. No Instituto dos Arquitetos do Brasil (Rua do Pinheiro, 10 — Flamengo). Último dia.

LUCIANA RENNÓ — pinturas elaboradas com pigmentos naturais, minérios, tintas metálicas e purpúras, que criam um novo solo planetário. Na Romildo Silva Filho Arquitetura e Design (Av. Ataulfo de Paiva, 135 — Loja 204). Até dia 8 de outubro.

■ A participação dos artistas brasileiros na Documenta de Kassell está sendo debatida pelo projeto Visorama da Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Dia 1º, às 19h30min, será enfocada a trajetória e participação de Waltércio Caldas. O evento prossegue até 31 de outubro.

Speed Clipping

VEÍCULO	Tribuna da Imprensa - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 3-Bis
SEÇÃO	No Ar/Ivan Cardoso	

Egresso dos porões do Parque Lage, o artista plástico cearense Eduino Eloy apresenta vernissage marcada para amanhã, às 19 horas, no Círculo Cria da geração 80, o qual segue a linha da "nova ficção", optando, também, por grandes formatos.

■ VISORAMA - A Escola de Artes Visuais do Parque Lage está na Alemanha. De hoje até o final de outubro, a escola vai estar pensando e discutindo a Documenta 9, um dos mais significativos eventos de arte contemporânea, que está acontecendo simultaneamente na Alemanha. O projeto Visorama, da EAV, reúne um grupo de artistas visuais com a proposta de conjugar a produção de arte de exposições, simpósios, além da organização de um banco de imagens. O Visorama é composto pelos artistas Analu Cunha, Ricardo Barbosa, Eduardo Coimbra e Márcia Ramos, entre outros.

Speed Clipping

VEÍCULO	Tribuna da Imprensa - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 3-Bis
SEÇÃO	No Ar/Ivan Cardoso	

Egresso dos porões do Parque Lage, o artista plástico cearense Eduino Eloy apresenta vernissage marcada para amanhã, às 19 horas, no Círculo Cria da geração 80, o qual segue a linha da "nova ficção", optando, também, por grandes formatos.

■ VISORAMA - A Escola de Artes Visuais do Parque Lage está na Alemanha. De hoje até o final de outubro, a escola vai estar pensando e discutindo a Documenta 9, um dos mais significativos eventos de arte contemporânea, que está acontecendo simultaneamente na Alemanha. O projeto Visorama, da EAV, reúne um grupo de artistas visuais com a proposta de conjugar a produção de arte de exposições, simpósios, além da organização de um banco de imagens. O Visorama é composto pelos artistas Analu Cunha, Ricardo Barbosa, Eduardo Coimbra e Márcia Ramos, entre outros.

Speed Clipping

VEÍCULO	O Fluminense - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 2
SEÇÃO	2º Caderno / Seu Programa	

Trajeto dos videomakers

Fotógrafos e videomakers não podem perder as palestras do Grupo Visorama, que serão dadas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), com abertura hoje, às 19h30min. O projeto pretende discutir a trajetória dos artistas brasileiros e mostrar vídeos e slides. A taxa é de Cr\$ 10 mil e o pacote antecipado de todas as palestras sai por Cr\$ 100 mil. A EAV fica no Jardim Botânico, 414. Telefones para contato: 226-1879 e 226-9624.

Speed Clipping

VEÍCULO	O Fluminense - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 2
SEÇÃO	2º Caderno / Seu Programa	

Trajeto dos videomakers

Fotógrafos e videomakers não podem perder as palestras do Grupo Visorama, que serão dadas na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), com abertura hoje, às 19h30min. O projeto pretende discutir a trajetória dos artistas brasileiros e mostrar vídeos e slides. A taxa é de Cr\$ 10 mil e o pacote antecipado de todas as palestras sai por Cr\$ 100 mil. A EAV fica no Jardim Botânico, 414. Telefones para contato: 226-1879 e 226-9624.

VEÍCULO	O Globo - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 2
SEÇÃO	Segundo Caderno	

Grupo Visorama discute a Documenta no Parque Lage

MARCOS TARDIN

Enquanto os trabalhos de cinco brasileiros continuam expostos na IX Documenta de Kassel, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) discute a partir de hoje uma das mais importantes mostras de artes plásticas do mundo, que acontece de cinco em cinco anos na Alemanha. Em 15 encontros na EAV, serão analisados os destaques, as tendências e, principalmente, a trajetória dos primeiros artistas brasileiros a participarem da mostra.

O evento é organizado pelo grupo Visorama e terá a presença de Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meireles e José Re-

sende, além do belga Jan Hoet, curador da Documenta. Do quinteto que representa o Brasil em Kassel, fica faltando apenas Saint-Clair Cemin, que mora nos Estados Unidos e não foi contatado. O "Visorama na Documenta" ocupará o salão de exposições da EAV às terças-feiras, quintas-feiras e aos sábados, de hoje ao dia 31 de outubro.

— Nas terças, daremos uma visão panorâmica da Documenta. Nas quintas, faremos um apanhado da trajetória de cada artista que participa da mostra e nos sábados cada um deles dará seu próprio depoimento. Jan Hoet fará sua palestra sobre a produção latino-americana na IX Documenta no encerramento do evento e todos os debates serão

acompanhados da projeção de slides e vídeos — explica Eduardo Coimbra, um dos nove integrantes do Visorama.

Este é o terceiro evento organizado pelo grupo, que tem um banco de imagens com quase 800 slides e um banco de dados representativos da produção brasileira e internacional. Eles já promoveram o "Ciclo Visorama", em 1991, também na EAV, e "Visorama na UFRJ — Artes plásticas na contemporaneidade", este ano.

A entrada é franca hoje e no dia de encerramento do "Visorama na Documenta". Para os outros dias, o ingresso custa Cr\$ 10 mil, mas a compra antecipada para assistir a todas as palestras sai por Cr\$ 100 mil.

VEÍCULO	O Globo - RJ	
PARA	29 de Setembro de 1992	PAG. 2
SEÇÃO	Segundo Caderno	

Grupo Visorama discute a Documenta no Parque Lage

MARCOS TARDIN

Enquanto os trabalhos de cinco brasileiros continuam expostos na IX Documenta de Kassel, a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV) discute a partir de hoje uma das mais importantes mostras de artes plásticas do mundo, que acontece de cinco em cinco anos na Alemanha. Em 15 encontros na EAV, serão analisados os destaques, as tendências e, principalmente, a trajetória dos primeiros artistas brasileiros a participarem da mostra.

O evento é organizado pelo grupo Visorama e terá a presença de Waltércio Caldas, Jac Leirner, Cildo Meireles e José Re-

sende, além do belga Jan Hoet, curador da Documenta. Do quinteto que representa o Brasil em Kassel, fica faltando apenas Saint-Clair Cemin, que mora nos Estados Unidos e não foi contatado. O "Visorama na Documenta" ocupará o salão de exposições da EAV às terças-feiras, quintas-feiras e aos sábados, de hoje ao dia 31 de outubro.

— Nas terças, daremos uma visão panorâmica da Documenta. Nas quintas, faremos um apanhado da trajetória de cada artista que participa da mostra e nos sábados cada um deles dará seu próprio depoimento. Jan Hoet fará sua palestra sobre a produção latino-americana na IX Documenta no encerramento do evento e todos os debates serão

acompanhados da projeção de slides e vídeos — explica Eduardo Coimbra, um dos nove integrantes do Visorama.

Este é o terceiro evento organizado pelo grupo, que tem um banco de imagens com quase 800 slides e um banco de dados representativos da produção brasileira e internacional. Eles já promoveram o "Ciclo Visorama", em 1991, também na EAV, e "Visorama na UFRJ — Artes plásticas na contemporaneidade", este ano.

A entrada é franca hoje e no dia de encerramento do "Visorama na Documenta". Para os outros dias, o ingresso custa Cr\$ 10 mil, mas a compra antecipada para assistir a todas as palestras sai por Cr\$ 100 mil.

VEÍCULO	O Globo - RJ	PAG.	1
PARA	30 de Outubro de 1992		
SEÇÃO	Segundo Caderno		

O diretor da IX Documenta de Kassel diz no Rio que a mostra foi boa porque desagradou à crítica

Bumerangue dos emotivos

Cavalcante

CARLA LENCASTRE

Jan Hoet desistiu da pintura logo cedo, nunca esculpiu nem fez gravuras. Mas este ano seu nome provocou mais controvérsia no mundo das artes plásticas do que qualquer artista. Aos 56 anos, o belga Hoet foi o dono da bola da IX Documenta de Kassel, uma das mostras de arte contemporânea mais importantes do mundo, realizada na Alemanha entre junho e setembro. Como diretor artístico da Documenta, ele conseguiu a proeza de não agradar nenhum crítico. Com o encerramento da mostra, Hoet reassumiu suas funções como diretor do museu de arte contemporânea de Gent, na Bélgica.

Entre seus próximos projetos, está uma provável colaboração na Bienal Internacional de São Paulo, mas ele prefere não adiantar nada: "Tenho vários projetos em várias cidades do mundo, mas ainda tenho que escolher em qual vou trabalhar agora. Por enquanto, estou descansando." A turnê de 14 dias pelo Brasil, patrocinada pelo Instituto Goethe, faz parte desse descanso. No Rio desde ontem, Hoet falou com o GLOBO no salão principal de exposições do Museu de Arte Moderna.

O GLOBO — Agora que a IX Documenta terminou, qual o avaliação que o senhor faz da mostra?

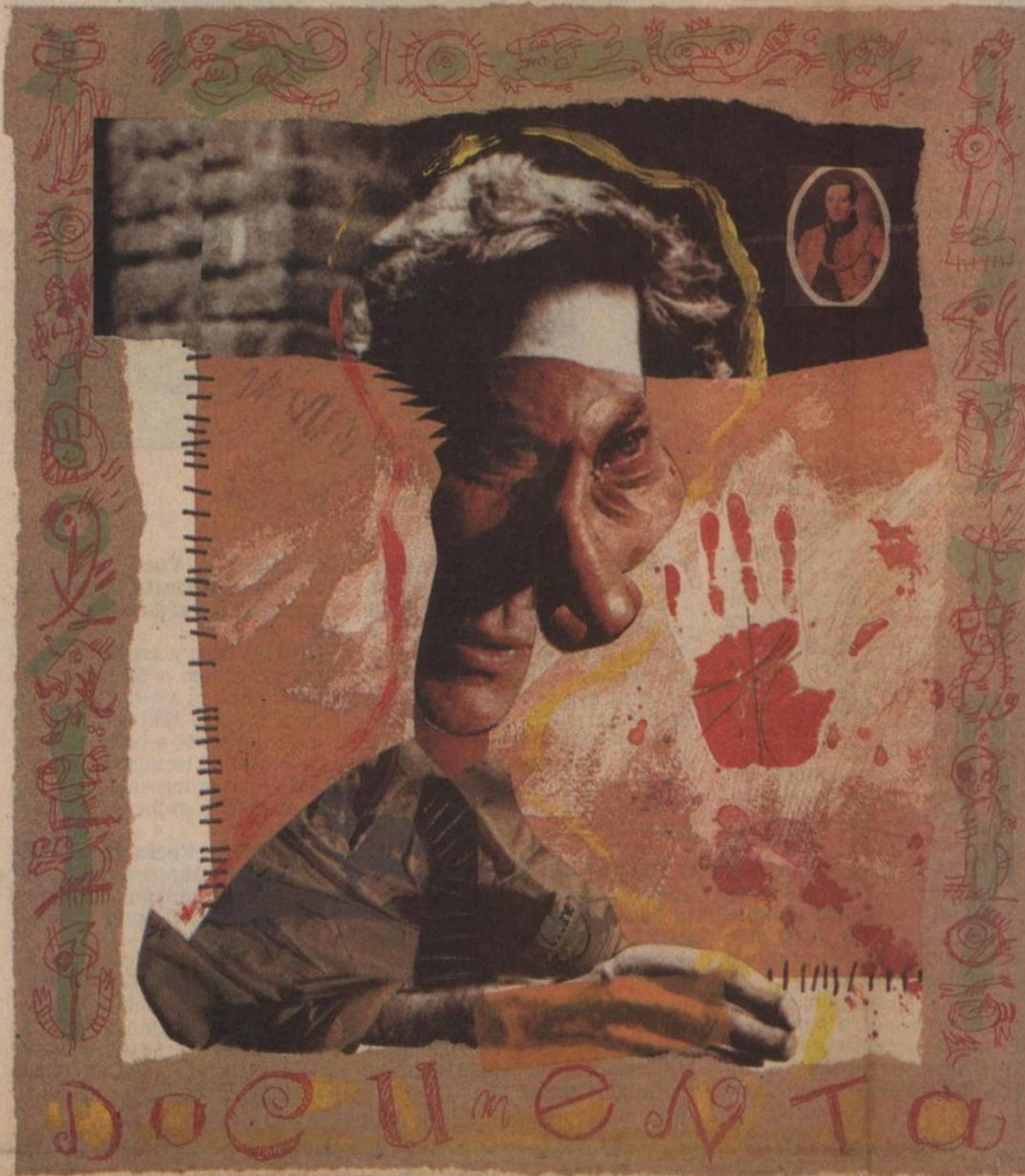
JAN HOET — A Documenta de Kassel foi uma contradição entre crítica e público. A Documenta é feita para ser polêmica, mas dessa vez a contradição foi inacreditável. As críticas negativas foram ofensivas, emocionais. A arte provoca emoção no público. Os críticos me atacaram por isso, por provocar emoção, mas eles mesmo foram muito emotivos. E o efeito bumerangue da Documenta. O objetivo era mesmo provocar discussão, eu não queria um consenso. Mas acabei conseguindo um consenso negativo.

JAN HOET — Com essa unanimidade negativa é possível concluir que o resultado da Documenta foi realmente ruim?

HOET — Eu fiz a Documenta sem consultar galerias, críticos ou marchands. Eu fugi deles todos, por isso eles ficaram tão irritados. Me voltei para os artistas, e por isso a Documenta foi tão boa. Ela foi visitada por 614 mil pessoas em cem dias. Os alemães não têm o hábito de ficar circulando aleatoriamente pelos locais de exposição. Eles vão vendo tudo em fila. E tinha cada fila enorme.

O GLOBO — Como o senhor avalia a participação dos artistas brasileiros na Documenta? Os trabalhos agradaram?

HOET — Eles fizeram muito sucesso entre o público. Os artistas brasileiros foram bem represen-



“Não queria um consenso com a Documenta. A idéia era provocar discussão. Mas acabei conseguindo um consenso negativo”

“Os artistas brasileiros fizeram sucesso entre o público. Foi uma ousadia confrontar Jac Leiner com Francis Bacon”

tados na Documenta por Cildo Meirelles, Waltércio Caldas, José Rezende e Jac Leiner. Cada um deles estava numa galeria diferente. Os trabalhos da Jac Leiner, por exemplo, eram confrontados com os de Francis Bacon. Isso foi uma ousadia. Havia grandes filas para ver o trabalho de Cildo Meirelles. Foi a primeira vez que um diretor de Documenta abriu caminho tão amplo para artistas da América do Sul e da África.

O GLOBO — O senhor foi convidado pela Fundação Bienal de São Paulo para colaborar

na curadoria. Como vai ser essa sua participação?

HOET — Eu fui convidado para ajudar a curadoria da Bienal no exterior, mas é impossível antecipar qualquer coisa. Fui o diretor da Documenta, mas não sou o diretor da Bienal. Tenho que discutir com a direção para saber o que eles querem que eu faça. De qualquer maneira, não vou colaborar com a Bienal do próximo ano. Minha ajuda será para Bienal de 1995. A única coisa que eu posso dizer é que vou fazer o máximo possível para que a Bienal não tenha compromissos.

Falador com pinta de galã

O chefe da IX Documenta gosta de fazer pose de galã — alguém já disse que ele tem uma vaga, mas muito vaga mesmo, semelhança com Alain Delon. O calorão de ontem, no entanto, não fez muito bem para sua aparência. Jan Hoet chegou para entrevista suado e despenteado, mas falou muito — uma de suas maiores características. Depois, folheou com interesse o catálogo da mostra "Arte Amazonas", que pode ser vista no MAM durante a Rio-92:

— Não, nunca estive no Amazonas. E nem vou estar dessa vez.

Hoet desembarcou em São Paulo no início da semana. Chegou ao Rio ontem e fez uma palestra no Museu de Arte Moderna. Amanhã, encerra o projeto Visorama, na escola de Artes Visuais do Parque Lage, com uma palestra sobre a participação latino-americana na Documenta. Na entrevista, ele ensaiou um papo **cross culture** para falar sobre a arte latino-americana contemporânea:

— É uma boa época para a arte sul-americana. E também para os pequenos países europeus, como Dinamarca, Áustria, Bélgica. Mas a arte hoje em dia é mais individual, tem identidades pessoais, está mais enfatizada na pessoa do que no país. Gosto de africanos e europeus juntos. O sincretismo cultural é muito importante.

Além de enveradar pela **cross culture**, Hoet também gosta de uma conversa sobre energia,

sensibilidade, Aristóteles, sei lá, mil coisas:

As gerações anteriores procuravam pontos na arte para se fixar. A nossa geração tem mais energia. E uma exposição sem energia não faz sentido. Os cinco sentidos combinados com a energia viram o drama de Aristóteles: medo e compaixão. Isso é essencial para uma exposição. Logo, é normal ter opiniões opostas.

Filho de colecionadores de arte, o ex-lutador de boxe elege Piero della Francesca, um pintor italiano do século XV, como seu artista preferido. Hoet conta que seu interesse pela arte vem da infância, já que seus pais eram colecionadores. Mas ele mesmo só compra obras para o museu de Gent. Uma de suas aquisições foi uma instalação da artista paulista Jac Leiner. Houve uma época, no entanto, em que ele também tentou pintar:

— Tentei ser artista, fiz umas telas mais ou menos abstratas, pós-figurativas. Foi uma boa experiência, serviu para eu descobrir que não sou artista. Tive que me contentar em conviver com os artistas. Me interessei por arte desde muito jovem, mas não é uma coisa genética. Meu irmão e minha irmã não têm nenhum interesse no assunto. Mas meus filhos gostam, uma das minhas filhas é fotógrafa.

Hoet faz questão de dizer que nunca obrigou os três filhos a visitarem museus:

— Nunca pedi para eles irem nem mesmo nas exposições que eu organizava. Eles é que se interessavam em ir — garante.



Waltércio: sucesso entre o público



Jac Leiner: confronto com Bacon

VEÍCULO	O Globo - RJ	PAG.	1
PARA	30 de Outubro de 1992		
SEÇÃO	Segundo Caderno		

O diretor da IX Documenta de Kassel diz no Rio que a mostra foi boa porque desagradou à crítica

Bumerangue dos emotivos

Cavalcante

CARLA LENCASTRE

Jan Hoet desistiu da pintura logo cedo, nunca esculpiu nem fez gravuras. Mas este ano seu nome provocou mais controvérsia no mundo das artes plásticas do que qualquer artista. Aos 56 anos, o belga Hoet foi o dono da bola da IX Documenta de Kassel, uma das mostras de arte contemporânea mais importantes do mundo, realizada na Alemanha entre junho e setembro. Como diretor artístico da Documenta, ele conseguiu a proeza de não agradar nenhum crítico. Com o encerramento da mostra, Hoet reassumiu suas funções como diretor do museu de arte contemporânea de Gent, na Bélgica.

Entre seus próximos projetos, está uma provável colaboração na Bienal Internacional de São Paulo, mas ele prefere não adiantar nada: "Tenho vários projetos em várias cidades do mundo, mas ainda tenho que escolher em qual vou trabalhar agora. Por enquanto, estou descansando." A turnê de 14 dias pelo Brasil, patrocinada pelo Instituto Goethe, faz parte desse descanso. No Rio desde ontem, Hoet falou com o GLOBO no salão principal de exposições do Museu de Arte Moderna.

O GLOBO — Agora que a IX Documenta terminou, qual o avaliação que o senhor faz da mostra?

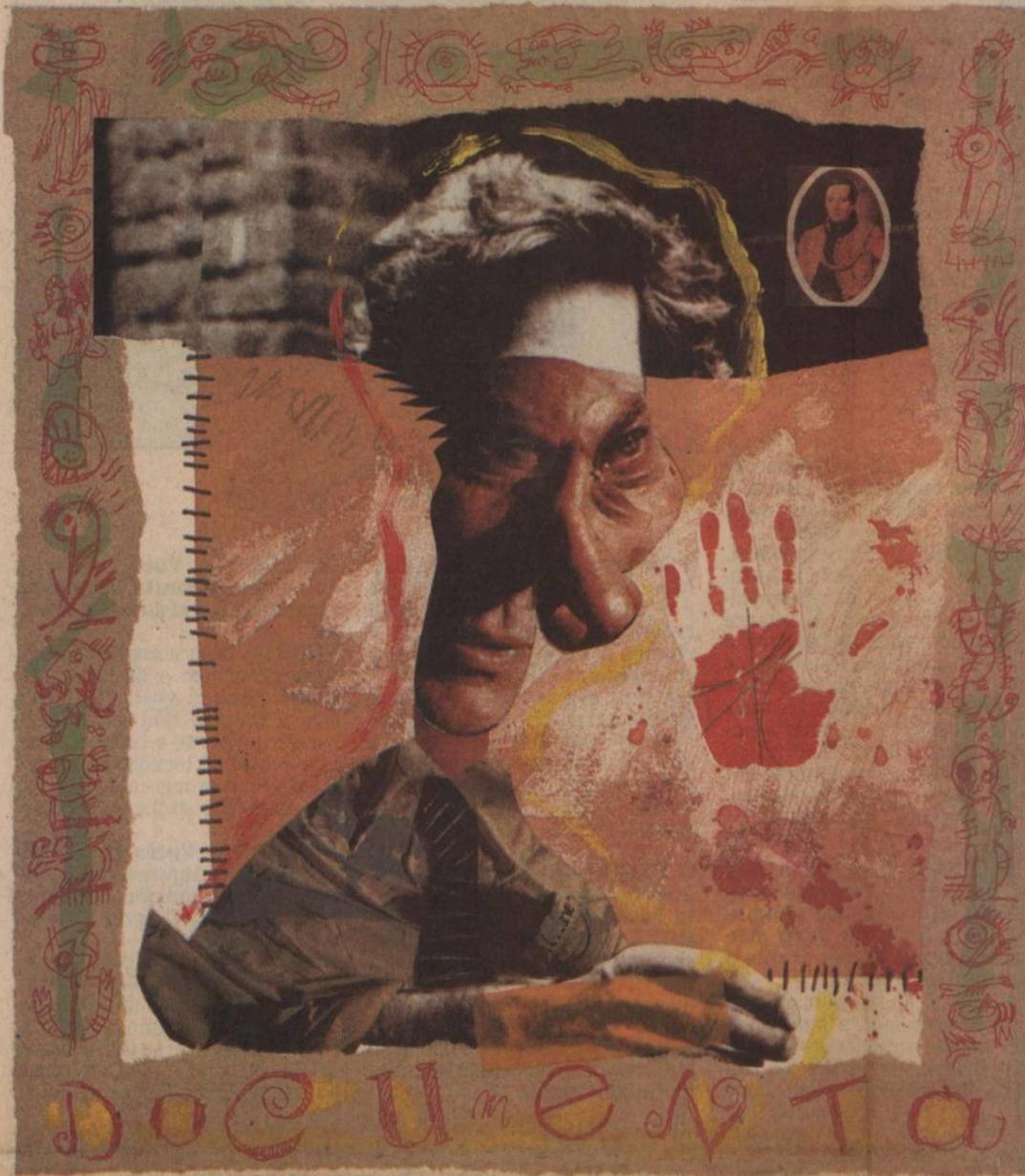
JAN HOET — A Documenta de Kassel foi uma contradição entre crítica e público. A Documenta é feita para ser polêmica, mas dessa vez a contradição foi inacreditável. As críticas negativas foram ofensivas, emocionais. A arte provoca emoção no público. Os críticos me atacaram por isso, por provocar emoção, mas eles mesmo foram muito emotivos. E o efeito bumerangue da Documenta. O objetivo era mesmo provocar discussão, eu não queria um consenso. Mas acabei conseguindo um consenso negativo.

JAN HOET — Com essa unanimidade negativa é possível concluir que o resultado da Documenta foi realmente ruim?

HOET — Eu fiz a Documenta sem consultar galerias, críticos ou marchands. Eu fugi deles todos, por isso eles ficaram tão irritados. Me voltei para os artistas, e por isso a Documenta foi tão boa. Ela foi visitada por 614 mil pessoas em cem dias. Os alemães não têm o hábito de ficar circulando aleatoriamente pelos locais de exposição. Eles vão vendo tudo em fila. E tinha cada fila enorme.

O GLOBO — Como o senhor avalia a participação dos artistas brasileiros na Documenta? Os trabalhos agradaram?

HOET — Eles fizeram muito sucesso entre o público. Os artistas brasileiros foram bem represen-



“Não queria um consenso com a Documenta. A idéia era provocar discussão. Mas acabei conseguindo um consenso negativo”

“Os artistas brasileiros fizeram sucesso entre o público. Foi uma ousadia confrontar Jac Leiner com Francis Bacon”

tados na Documenta por Cildo Meirelles, Waltércio Caldas, José Rezende e Jac Leiner. Cada um deles estava numa galeria diferente. Os trabalhos da Jac Leiner, por exemplo, eram confrontados com os de Francis Bacon. Isso foi uma ousadia. Havia grandes filas para ver o trabalho de Cildo Meirelles. Foi a primeira vez que um diretor de Documenta abriu caminho tão amplo para artistas da América do Sul e da África.

O GLOBO — O senhor foi convidado pela Fundação Bienal de São Paulo para colaborar

na curadoria. Como vai ser essa sua participação?

HOET — Eu fui convidado para ajudar a curadoria da Bienal do exterior, mas é impossível antecipar qualquer coisa. Fui o diretor da Documenta, mas não sou o diretor da Bienal. Tenho que discutir com a direção para saber o que eles querem que eu faça. De qualquer maneira, não vou colaborar com a Bienal do próximo ano. Minha ajuda será para Bienal de 1995. A única coisa que eu posso dizer é que vou fazer o máximo possível para que a Bienal não tenha compromissos.

Falador com pinta de galã

O chefe da IX Documenta gosta de fazer pose de galã — alguém já disse que ele tem uma vaga, mas muito vaga mesmo, semelhança com Alain Delon. O calorão de ontem, no entanto, não fez muito bem para sua aparência. Jan Hoet chegou para entrevista suado e despenteado, mas falou muito — uma de suas maiores características. Depois, folheou com interesse o catálogo da mostra "Arte Amazonas", que pode ser vista no MAM durante a Rio-92:

— Não, nunca estive no Amazonas. E nem vou estar dessa vez.

Hoet desembarcou em São Paulo no início da semana. Chegou ao Rio ontem e fez uma palestra no Museu de Arte Moderna. Amanhã, encerra o projeto Visorama, na escola de Artes Visuais do Parque Lage, com uma palestra sobre a participação latino-americana na Documenta. Na entrevista, ele ensaiou um papo **cross culture** para falar sobre a arte latino-americana contemporânea:

— É uma boa época para a arte sul-americana. E também para os pequenos países europeus, como Dinamarca, Áustria, Bélgica. Mas a arte hoje em dia é mais individual, tem identidades pessoais, está mais enfatizada na pessoa do que no país. Gosto de africanos e europeus juntos. O sincretismo cultural é muito importante.

Além de enveradar pela **cross culture**, Hoet também gosta de uma conversa sobre energia,

sensibilidade, Aristóteles, sei lá, mil coisas:

As gerações anteriores procuravam pontos na arte para se fixar. A nossa geração tem mais energia. E uma exposição sem energia não faz sentido. Os cinco sentidos combinados com a energia viram o drama de Aristóteles: medo e compaixão. Isso é essencial para uma exposição. Logo, é normal ter opiniões opostas.

Filho de colecionadores de arte, o ex-lutador de boxe elege Piero della Francesca, um pintor italiano do século XV, como seu artista preferido. Hoet conta que seu interesse pela arte vem da infância, já que seus pais eram colecionadores. Mas ele mesmo só compra obras para o museu de Gent. Uma de suas aquisições foi uma instalação da artista paulista Jac Leiner. Houve uma época, no entanto, em que ele também tentou pintar:

— Tentei ser artista, fiz umas telas mais ou menos abstratas, pós-figurativas. Foi uma boa experiência, serviu para eu descobrir que não sou artista. Tive que me contentar em conviver com os artistas. Me interessei por arte desde muito jovem, mas não é uma coisa genética. Meu irmão e minha irmã não têm nenhum interesse no assunto. Mas meus filhos gostam, uma das minhas filhas é fotógrafa.

Hoet faz questão de dizer que nunca obrigou os três filhos a visitarem museus:

— Nunca pedi para eles irem nem mesmo nas exposições que eu organizava. Eles é que se interessavam em ir — garante.



Waltércio: sucesso entre o público



Jac Leiner: confronto com Bacon